



Cesario Verde

O LIVRO

de

CESARIO VERDE

1873-1885

1855 - 1886

LISBOA

TYPOGRAPHIA DEFFERRIANA

Rua de S. Carlos, 11, Lisboa, 1887

1887

O Real:
ponto de
partida

Representação
da cidade

Poeta
realista

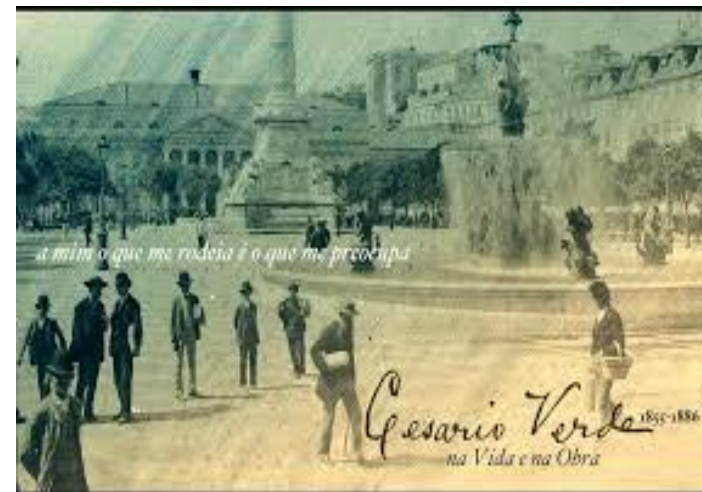
Poeta da
cidade
(e do campo)

Poeta
observador

Poeta da
imaginação

Deambulação

Imaginação



<https://www.youtube.com/watch?v=XeL3GecQJV0>



Num bairro moderno 1.ª Parte - caracterização do bairro moderno

Dez horas da manhã; os transparentes

Matizam uma casa **apalaçada**;

Pelos jardins estancam-se as nascentes,

E fere a vista, com brancuras quentes,

A **larga rua macadamizada**.

Rez-de-chaussée repousam **sossegados**,

Abriram-se, nalguns, as persianas,

E dum ou doutro, em quartos **estucados**,

Ou entre a rama do papéis **pintados**,

Reluzem, num almoço, as porcelanas.

Como é saudável ter o seu **conchego**,

E a sua vida fácil! Eu descia,

Sem muita pressa, para o meu emprego,

Aonde agora quase sempre chego

Com as tonturas duma apoplexia.

2.ª Parte – caracterização da vendedeira de legumes

E **rota**, **pequenina**, **azafamada**,

Notei de costas uma rapariga,

Que no xadrez marmóreo duma escada,

Como um retalho da horta aglomerada

Pousara, ajoelhando, a sua giga.

E eu, apesar do sol, **examinei-a**.

Pôs-se de pé, **ressoam-lhe os tamancos**;

E abre-se-lhe o **algodão azul da meia**,

Se ela se curva, **esguelhada**, **feia**,

E pendurando os **seus bracinhos brancos**.

Do patamar responde-lhe um criado:

"Se te convém, despacha; não converses.

Eu não dou mais. "E **muito descansado**,

Atira um **cobre ignóbil, oxidado**,

Que vem bater nas faces duns alperces.

3.ª Parte – transfiguração poética do real

Subitamente - que visão de artista! -

Se eu transformasse os simples vegetais,

À luz do Sol, o intenso colorista,

Num ser humano que se mova e exista

Cheio de belas proporções carnis?!

Boiam aromas, fumos de cozinha;

Com o cabaz às costas, e vergando,

Sobem padeiros, **claros de farinha;**

E às portas, **uma ou outra campainha**

Toca, frenética, de vez em quando.

E eu recompunha, por anatomia,

Um novo corpo orgânico, ao bocados.

Achava os tons e as formas. Descobria

Uma cabeça numa melancia,

E nuns repolhos seios injetados.

As azeitonas, que nos dão o azeite,
Negras e unidas, entre verdes folhos,
São tranças dum cabelo que se ajeite;
E os nabos - ossos nus, da cor do leite,
E os cachos de uvas - os rosários de olhos.

Há colos, ombros, bocas, um semblante
Nas posições de certos frutos. E entre
As hortaliças, túmido, fragrante,
Como alguém que tudo aquilo jante,
Surge um melão, que lembrou um ventre.

E, como um feto, enfim, que se dilate,
Vi nos legumes carnes tentadoras,
Sangue na ginja vívida, escarlate,
Bons corações pulsando no tomate
E dedos hirtos, rubros, nas cenouras.

4.ª Parte – retorno à realidade e contacto direto com a vendedeira

O Sol dourava o céu. E a regateira,
Como vendera a sua fresca alface
E dera o ramo de hortelã que cheira,
Voltando-se, **gritou-me**, prazenteira:

"Não passa mais ninguém!... Se me ajudasse?!..."

Eu acerquei-me dela, sem desprezo;

E, pelas duas asas a quebrar,

Nós levantamos todo aquele peso

Que ao chão de pedra resistia preso,

Com um enorme esforço muscular.

"Muito obrigada! Deus lhe dê saúde!"

E recebi, naquela despedida,

As forças, a alegria, a plenitude,

Que brotam dum excesso de virtude

Ou duma digestão desconhecida.

E enquanto sigo para o lado oposto,
E ao longe **rodam umas carruagens**,
A pobre, afasta-se, ao calor de agosto,
Descolorida nas maçãs do rosto,
E sem quadris na saia de ramagens.

Um pequerrucho rega a trepadeira
Duma janela azul; e, com o ralo
Do regador, parece que joeira
Ou que borrifa estrelas; e a poeira
Que eleva nuvens alvas a incensá-lo.

Chegam do gigo emanções sadias,
Ouçõ um canário - que infantil chilrada!
Lidam ménages entre as gelosias,
E o **sol estende**, pelas frontarias,
Seus raios de laranja destilada.

E pitoresca e audaz, na sua chita,
O peito erguido, os pulsos nas ilhargas,
Duma desgraça alegre que me incita,
Ela apregoa, magra, enfezadita,
As suas couves repolhudas, largas.



E, **como as grossas pernas dum gigante,**
Sem tronco, mas atléticas, inteiras,
Carregam sobre a pobre caminhante,
Sobre a verdura rústica, abundante,
Duas frugais abóboras carneiras.

Cesário Verde, in *O Livro de Cesário Verde*

Influências estéticas

```
graph LR; A[Influências estéticas] --- B[Realismo / Naturalismo]; A --- C[Impressionismo]; A --- D[Parnasianismo];
```

Realismo / Naturalismo

- O real como ponto de partida;
- Reflexão e atitude crítica em relação à sociedade;
- Poetização do real e do cotidiano;
- Linguagem clara, cheia de termos concretos, precisos e técnicos

Impressionismo

- Real apreendido através das impressões (cor, luz, sensações...)
- Estímulo para a criação (transfiguração poética do real)

Parnasianismo

- Visão objetiva da realidade e dos temas
- Linguagem exata
- Rigor formal utilizado na descrição de aspectos vulgares e quotidianos.